

BERNARDO MELLO FRANCO



globo.com.br/bernardo
bernardomf
bnmf@globo.com.br



Moro lavas as mãos sobre futuro dos índios

Sergio Moro mobilizou a tropa lavajatista para tentar manter o Coaf no Ministério da Justiça. Não demonstrou o mesmo interesse em reaver a Funai,

retalhada numa canetada de Jair Bolsonaro.

Em janeiro, o presidente transferiu o órgão indigenista para o Ministério da Mulher, Família e Direitos Humanos, da pastora Damares Alves. A atribuição de demarcar terras indígenas foi para o Ministério da Agricultura, entregue à bancada ruralista.

Na quarta-feira, Damares informou que pretende manter o que restou do órgão. "A Funai tem que ficar com a mamãe Damares, não com o papai Moro", disse. O titular da Justiça lavou as mãos sobre o assunto. "Não tenho interesse de ficar com a Funai", desdenhou.

Entre a gracinha da pastora e o desprezo do ex-juiz, joga-se o futuro de quase 900 mil indígenas. Eles se dividem em 305 etnias, falam 274 línguas e dependem da proteção do Estado. Dezenas de tribos estão sob ameaça permanente de grileiros, garimpeiros e jagunços.

Apesar do desdém de Moro, uma comissão mista do Congresso aprovou ontem o retorno da Funai à configuração original, na pasta da Justiça. Agora o tema se-

rá votado nos plenários da Câmara e do Senado.

O senador Randolfe Rodrigues, da Rede, diz que a Funai foi "esquartejada e esvaziada" por Bolsonaro. "Entregar as demarcações para os ruralistas foi o mesmo que nomear raposas para cuidar do galinheiro".

A ambientalista Adriana Ramos, do Instituto Socioambiental (ISA), lembra que os índios ajudam a manter a floresta em pé. "O índice de desmatamento nas terras indígenas é menor até do que nos parques nacionais".

Nos últimos 40 anos, a Amazônia perdeu 20% da sua cobertura florestal. Nas terras indígenas, a devastação foi de apenas 2%, segundo dados oficiais.

Bolsonaro já deixou claro o que pensa sobre a questão indígena. "Não demarcarei um centímetro quadrado a mais de terra", disse. Em outra ocasião, ele comparou índios em reservas a animais no zoológico.

Moro não quis contestar o chefe na liberação geral das armas. Ao fazer o mesmo com a Funai, ajuda a empurrar os índios para o colo de evangélicos e ruralistas.

Sergio Moro não quis contestar Bolsonaro na agenda da liberação das armas. Ao fazer o mesmo com a Funai, empurra os índios para o colo de evangélicos e ruralistas